Wagner Garpêik

Adolescêndio



memorial poético

2007 - 2010

EDITORA ESPREITA

"Oisive jeunesse
À tout asservie
Par délicatesse
J'ai perdu ma vie.
Ah! Que le temps vienne
Où les coeurs s éprennent!"

Arthur Rimbaud



08 Sobre a terceira edição

10 Apresentação

2007

15 Apologia dos Prazeres Carnais

2008

17 Sete Anos de Razão e Piedade

18 Visão de Poder

19 Avatar

21 Vou-me Embora pra Terra do Nunca!

2009

22 Agonia do Tempo

24 Canção das Folhas

25 O Retorno do Pirata

2010

28 América Ladina

30 Exílio Infinintimo

35 Sobre o autor

Sobre a terceira edição

Francisco Huachalla

A primeira edição de "Adolescêndio", impressa e lançada em Natal [Rio Grande do Norte], como também transmitida digitalmente, veio ao mundo em 2018, pelo Selo Retrospekta. O texto da segunda edição [concebida pela editora Eriom, em formato exclusivamente digital] foi modificado pelo autor. As poucas alterações se limitaram quase inteiramente aos sinais de pontuação.

A revisão desta terceira edição – exclusivamente impressa – por muito pouco não preserva em absoluto o texto da segunda.

Para ler bem essa obra, vale a pena considerar a advertência estilística que, desde "Nomadeia", Uarpêik tem feito aos leitores: "Minhas pausas, ritmos, neologismos, intensidades, melodias e regras podem ser pressetidas; mas o guia publicado em meu site ajuda. O réu se declara popularmente, musicalmente, oralmente, experimentalmente e

soberanamente inocente de inúmeras e deliberadas incompatibilidades – sobretudo pontuacionais – com os "gramáticos" brasileiros."

Apresentação

Nivaldete Ferreira

Neste breve e intenso memorial poético (2007 a 2010), o poeta evoca passagens de sua entrada no fogo do mundo. E ao mundo ele vai – não como turista (turistas compram passeios e sorriem), mas para ter experiências vivas; para saber de si e do(s) outro(s); para "Sentir infinitamente a própria presença" e mesmo a solidão coletiva. A epígrafe – versos de "Canção da Mais Alta Torre" – mostra que ele viu/seguiu "As marcas de Rimbaud na areia", como diz o poema "Exílio Infiníntimo". Então não se espere uma poesia acamurçada ou, menos ainda, gessada no agradável ao gosto acomodado. Corpo, sensações, um certo desregramento (como no poeta francês). Há um morder aquilo por que se sentiu mordido (ou ameaçado), à maneira nietzschiana: "A guilhotina acadêmica não terá minha cabeça!". Há um corpo querendo queimar-se de (outro) corpo: "Ah vastidão do desejo! / Que ninguém me sirva de nada / Além de lenha!". Há um saber-se sentenciado pela "UTI do real",

cujos remédios e procedimentos recusa: "Síndrome da imunodeficiência moral / Alergia a riqueza / Anarquistite absgaga / & plebeização crônica".

Como Rimbaud, o poeta de Adolescêndio abjura as felicidades recortadas e mandadas colorir pela organização político-social – que quer moldar os indivíduos e não costuma perdoar os desobedientes. Uarpêik, como homem e como poeta, parteja-se a si mesmo fora da Matrix, aí onde se instala também uma cultura de recepção da poesia que talvez prefira a poesia alcalina, aquela que não chega a perturbar; que agrada à primeira leitura e busca expressões belamente surpreendentes mas sem espírito, no sentido em que fala o autor de Assim Falava Zaratustra: "Escreve com sangue e verás que sangue é espírito".

Uma Estação no Inferno e Adolescêndio:

Rimbaud: "Depressa! Existem outras vidas?". Uarpêik: "Existirá Vida depois dos trinta?". Rimbaud: "Tenho horror a todos os ofícios". Uarpêik: "Ah como amaldiçoo o trabalho!". Rimbaud: "A cada um sua

razão". Uarpêik: "Cada um é escravo ou senhor do que pode!". E as perguntas. Rimbaud: "Conheço ao menos a natureza? Conheço-me?". Uarpêik: "Teu corpo é teu!? Tua língua te fala!?"…

Há nos dois um ir-se. Rimbaud: "Minha jornada findou-se. Deixo a Europa". Uarpêik: "À procura de uma montanha digna de hospedar a morte, é verdade que parto". Destino: "América Ladina". Há em Adolescêndio uma imaginação também "desregrada", livre. "& ontem gargalhei tão alto / Que a morte se afastou, assustada!".

E alguma sageza, quando o poeta, homem/jovem, aparece com rugas e sandálias antigas, as de um Mestre. "É preciso retirar-se da casca do mundo para criá-lo desde dentro, da polpa!".

Uarpêik não segue, porém, apenas os rastros do poeta francês, aquele que escreveu quando quase menino. Também olha pela "janela do quarto de Pessoa". E – olha, Bandeira! – declara: " 'Vou-me embora pra' Terra do Nunca! / 'Lá sou amigo' de Peter Pan".

Vontade de não crescer... Mas, querendo ou não, cresce o poeta: nas companhias que elege; na linguagem, no ritmo, nas imagens. Cresce como coraçagem (coração e coragem, palavras que têm a mesma raiz), termo que – ousadia minha – invento para que possa fazer possível companhia a "Adolescêndio"). Cresce para nosso conforto. E desconforto, se nos incomoda, por exemplo, a sua afirmação de que "estamos todos sós / & não há testemunhas / Apenas cúmplices".

Espero ter sido tão cúmplice quanto testemunha.

Professora aposentada do Departamento de Artes da UFRN.
Autora de livros de poemas, ficção e teatro.



APOLOGIA DOS PRAZERES CARNAIS

É sempre tarde demais para cuspir toda catequese
Adorando vinhos e confrarias
Onde se vive bem mais salvo!

O corpo encontra respostas
Cuja nudez o espírito entulha
A natureza sobrevive de soluções
E assim, irmãos, tudo é fácil:
Vivemos como bons animais!

Ah vastidão do desejo!
Que ninguém me sirva de nada
Além de lenha!

Carne que se quer
Terra que se aceita
A primeira franqueza
O amor leal!

SETE ANOS DE RAZÃO E PIEDADE

Por sete anos me desesperei de razão
& os demônios cavalgaram minhas sombras
Entre limbos, ruínas e gangorras

Sinapses gordas
Sem banho de vida
Na UTI do real, a sentença:
Dilúvio de porquês
Diarreia etérea
& labirintite sociológica avançada

A guerra, a carne e o silêncio me socorreram
A guilhotina acadêmica não terá minha cabeça!

Por sete anos me desesperei de piedade
& os demônios cavalgaram minhas sombras
Entre párias, devassos e malditos

Sentimentos gordos
Sem banho de vida
Na UTI do real, a sentença:
Síndrome da imunodeficiência moral
Alergia a riqueza
Anarquistite absgaga
& plebeização crônica

A guerra, a carne e o silêncio me socorreram
As multidões não merecem meu sangue!

VISÃO DE PODER

Saudades do reino soberano. Cansaço de faltar Ser. São os dias prometidos, de que falavam os grandes! Nascem os mil exames, as rotações maiores!

Trago 23 anos para a aposta: que os vulcões estrelares queimem e endureçam os pântanos sombrios!; que os desperdícios ardam e sequem ao sol!

Entre paixões selvagens e afagos oculares, dançam os caprichos fracos. No ártico do espírito, quando a água não ferve, melhor não se molhar.

O universo é recriado, partilhado e plasmado a cada instante! É preciso retirar-se da casca do mundo para criá-lo desde dentro, da polpa! Ou não sabes que nos esperamos acordar destes

tempos perdidos, destas lágrimas e sorrisos de qualquer um? Belo animal, não sabes que a cada instante o universo te assiste vencer ou perder?

Teu corpo é teu!? Tua língua te fala!? E teus olhos, para que abrem, para que fecham, jovem tão amargo!?

À procura de uma montanha digna de hospedar a morte, é verdade que parto! Já não tenho pressa de ser bom: que venha o necessário!

AVATAR

Além da lua, procura tuas armas
Dentro do sol, cultiva tuas flores
Mas não esperes!

Beija teu sonho nas manhãs
Escala tua língua
& morra só!